



Rommel *versus* Patton, o Duelo que não Aconteceu

Almir dos Santos*

O artigo apresenta uma síntese biográfica dos dois lendários chefes militares da Segunda Guerra Mundial, na oportunidade em que se comemora o cinquentenário do término do conflito no TO Europeu.

Hoje, 50 anos depois de terminada a guerra, enquanto a maioria dos chefes militares perderam reputação, e muitos mitos desapareceram, dois generais tem seus prestígios cada vez mais aumentando; seus nomes: Erwin Rommel e George Patton. Quem foram esses homens? O que fizeram eles? Por que seus feitos, depois de tantos anos, ainda são importantes para História Militar? Em poucas palavras, o que podemos dizer, é que foram dois gênios militares.

* Professor de Física, no IME e na Escola Naval.

Rommel era alemão, de estatura baixa e nunca foi um aluno brilhante na escola. Na academia militar, teve, inclusive, notas medíocres. Foi, o que chamamos aqui no Brasil, de: “rabada de turma”. Entretanto, passou nos exames de 1911 e graduou-se segundo-tenente na Academia Militar de Danzig. Nesse mesmo ano, conheceu Lucie Maria Mollin, com quem casaria. Foi para ela que escreveu um sem número de cartas, contando detalhes importantes, sobre tudo que acontecia na frente de batalha.

Patton, ao contrário de Rommel, tinha 2 metros de altura. Trajava-se sempre de maneira impecável, mudando o uniforme duas

vezes ao dia. Com seu revólver *colt 45*, de cabo de madrepérola na cintura, fazia um tipo muito explorado por Hollywood e adorado pelo público: o mocinho do cinema. Era também em descontrolado. Por isso tornou-se o mais controvertido general da Segunda Guerra Mundial.

Em comum os dois generais tinham: o carisma, a coragem pessoal, a força de vontade, a perícia técnica e a velocidade em ação. Ambos foram muito mais executores do que pensadores teóricos. Os dois eram místicos; Rommel acreditava na sua estrela, Patton na reencarnação. Concluindo, ambos foram, sem dúvida alguma, grandes mestres da guerra moderna, gênios militares, homens que nasceram com o dom do comando da batalha.

Nesse artigo vamos narrar seus feitos para que o leitor imagine um duelo entre eles e depois decida quem venceu.

ERWIN ROMMEL

Foi como segundo-tenente que, em 1914, Rommel partiu para a Primeira Grande Guerra. A partir desse ano passou a ser um colecionador de vitórias e de condecorações. Tinha a coragem e a ousadia de poucos. Tomava decisões rápidas e, como infante, possuía a arte de saber envolver o inimigo com técnicas que criava na hora, e que não estavam nos manuais.

Sua maior façanha nessa guerra foi quando transferido para o Décimo Quarto Exército, que ajudava os austríacos na guerra contra os italianos. Ao tomar o monte *Matajur*, na retaguarda italiana, obteve a rendição de 9 mil soldados, 150 oficiais e ainda apoderou-se de 81 canhões. A tomada de *Matajur* destruiu o sistema defensivo do inimigo. Os italianos puseram-se em fuga desesperada. As

deserções começaram a ocorrer em massa e a Itália sofreu sua maior derrota na frente austríaca da guerra: 250 mil homens se renderam. Rommel recebeu a condecoração *Pour Le Mérite*, e foi promovido a capitão.

Mas a Alemanha foi derrotada. Com a derrota, veio a proibição de possuir um exército com mais de 100 mil homens; com isso, Rommel, como muitos outros jovens brilhantes oficiais, caiu no esquecimento e permaneceu como capitão, até 1933.

Seu nome só voltou a ser conhecido dentro do exército a partir de 1929. Após ser nomeado para instrutor na Escola de Infantaria de Dresden, escreveu um livro chamados: *Ataques de Infantaria*, onde relatava suas missões e experiências na Primeira Guerra. O livro foi um sucesso dentro do exército até 1944, tornando-se leitura obrigatória em todos os cursos de infantaria.

Seu mais famoso leitor foi Adolfo Hitler. A partir dessa leitura, o ditador passou a ter por ele uma profunda admiração. Esse talvez tenha sido o motivo de ter sido convidado, em novembro de 1938, pelo próprio Hitler, para comandar o Batalhão de Segurança Pessoal do Führer, recém-criado.

Foi na Polônia que Rommel mostrou-se muito interessado nas divisões blindadas e nos seus movimentos. Vendo o seu interesse, Hitler perguntou-lhe se queria alguma coisa. Ele respondeu que gostaria de comandar um destacamento panzer. O ditador concordou e em fevereiro de 1940, Rommel assumiu o comando da Sétima Divisão Panzer, estacionada no Reno.

Nos três meses que antecedeu o ataque à França, estudou tudo que havia sobre os *panzer*; desde as teorias de Guderian, até os movimentos realizados pelo próprio Guderian e por Kleist durante as batalhas, na invasão da Polônia.

Quando começou a grande ofensiva alemã, em maio de 1940, que destruiu os exércitos ingleses e franceses, *Rommel* mostrou o que tinha aprendido. Coube a ele capturar *Cambrai* e, logo a seguir, *Arras*. Mas, nessa segunda localidade, aconteceu o inesperado. Os locais teoricamente mais difíceis ficaram para comandantes mais experientes. Mas, por erro do serviço de informação do exército, *Arras* estava poderosamente bem defendida, *Rommel* foi então obrigado a travar uma batalha que durou três dias. Isolado, sem poder receber ajuda, correu o risco de ter sua divisão dizimada, o que deixou o Marechal *Rundstedt*, extremamente preocupado. Mas, suas qualidades de grande estrategista começaram a surgir. Venceu a batalha fazendo 10 mil prisioneiros. A imprensa alemã fez dele um herói. Sua foto saiu em todos os jornais e, apesar de baixinho e nada se parecer com os galãs do cinema, tornou-se ídolo nacional.

Depois da vitória, o *Führer* ordenou que se apresentasse em Berlim. Foi recebido por um Hitler radiante, que lhe disse: “*Rommel*, ficamos muito preocupados com você durante a batalha.”

Com os exércitos italianos sendo destruídos pelos ingleses na Líbia, Mussolini implorou ajuda a Hitler para salvar *Tripoli*, pois a perda da colônia seria uma tragédia para sua política interna. Para evitar que os ingleses dominassem o norte da África, Hitler resolveu ajudar.

A ajuda foi em forma de duas divisões apenas. Era na realidade uma ajuda simbólica, pois estavam em andamento os planos para a invasão da Rússia, também marcada, inicialmente para maio, e ele, Hitler, não queria dividir esforços. De qualquer maneira, ficava assim criado o *Afrika Korps*.

Para comandar as duas divisões, Hitler nomeou o recém-promovido Tenente-Gener

ral (general-de-divisão) *Rommel*, com um único objetivo: defender *Trípole* e impedir que os italianos fossem expulsos da África.

Rommel encontrou na Líbia vários problemas: primeiro o moral dos italianos era péssimo. Para resolver isso, desembarcou suas tropas à noite, colocou os italianos em forma e mandou que os blindados alemães, que eram poucos, contornassem o quartelão e desfilassem duas vezes para que parecessem mais numerosos. A jogada deu certo. O serviço secreto britânico, informou o fato aos ingleses que acharam tudo muito engraçado e passaram a chamá-lo de: “A Raposa do Deserto”.

O segundo problema que *Rommel* encontrou foi que, o mesmo serviço secreto britânico, informava, com precisão, as datas e os locais dos desembarques de suprimentos, que eram a seguir bombardeados por seus aviões. Isso provocava racionamento de combustível, munição e alimentos ao exército italiano. Resumindo: a situação não podia ser pior. *Rommel* tomou então uma decisão audaciosa sem informar ao alto comando da *Wehrmacht*. Mandou construir réplicas em madeira dos tanques alemães e, juntamente com a sucata dos blindados italianos, forjou uma missão de reconhecimento em território inimigo. Os ingleses engoliram a isca e atacaram com seus aviões. Quando voltaram para sua base sem combustível, *Rommel*, possuindo apenas 10% do número de aeronaves que o inimigo possuía na África, destruiu, na pista, toda a aviação inglesa da Líbia, acabando com os ataques aos navios de suprimento. Quando o serviço secreto inglês informou que fora um blefe, o comandante britânico, Sir *Wavell* disse apenas: “engraçadinho”.

Aproveitando-se da situação, que lhe era totalmente favorável naquele momento, com

apenas uma divisão alemã e quatro italianas, Rommel iniciou um ataque na região da *Cirenaica* e tomou o aeroporto que tanto problemas criava para o abastecimento. Quando os ingleses começaram a se preparar para contra-atacar, Rommel atacou primeiro utilizando sua principal arma: a velocidade. Nesse primeiro confronto direto entre os dois exércitos, derrotou os ingleses em *Buerat*, *El Agheila*, *Mersa Brega* e *Benghazi*, fazendo-os recuar 600 km. Em maio de 1941, se não tivesse acabado seu combustível, teria chegado a *Tobruk* e expulso os britânicos da Líbia.

O mundo ficou boquiaberto. Nunca ninguém tinha derrotado os ingleses, tantas vezes seguidas e em tão pouco tempo. Rommel foi manchete em todos os países. Em junho de 1941, ao assumir o comando das tropas britânicas, o General Sir Auchinleck, disse a seus soldados: “nós falamos demais no nosso amigo Rommel; mas ele não é nenhum mago, gênio, ou demônio; é apenas um comum e mortal general alemão”. Seria mesmo?

Em junho de 1941, *Sir Auchinleck* deu início à grande ofensiva chamada: “Operação Cruzador”. A tropa de elite inglesa, conhecida como “Ratos do Deserto”, encontrou o “*Afrika Korps*” com pouco combustível e munição. Rommel teve de recuar quase 400 km. Os ingleses comemoraram a operação como sendo uma grande vitória; os alemães tinham perdido 340 tanques e tiveram 34 mil baixas.

No começo de janeiro de 1942, os suprimentos começaram a chegar a Rommel outra vez, e Mussoline entregou a ele o comando de toda a tropa italiana.

Sabedor do poderoso sistema de espionagem britânico, para garantir o sigilo total, Rommel elaborou, em dois dias, sozinho, um plano de ataque.

A 21 de janeiro, começou sua ofensiva. Com a velocidade de sempre, foi derrotando os ingleses a cada batalha. Uma a uma foi recuperando: *Agheila*, *Benghazi*, *Derma*, e se aproximando outra vez de *Tobruk*.

Auchinleck colocou seu exército atrás da linha *Galaza*, uma faixa intransponível de campos minados e ficou esperando o próximo movimento de “raposa”. Rommel ficou do outro lado da linha esperando ordens do que fazer. Churchill insistia que os ingleses precisavam recuperar, com a máxima urgência, o aeroporto de *Cirenaica*, Hitler e Mussoline queriam que Rommel avançasse até a fronteira egípcia, expulsando definitivamente os ingleses da Líbia, para que pudessem tomar a ilha de Malta, o “calcanhar de Aquiles” dos alemães na África.

Auchinleck colocou seu estado-maior para trabalhar dia e noite na elaboração de um plano de ataque, já utilizando os modernos tanques *Grant* de fabricação americana, cujos canhões podiam girar de 360 graus, coisa que os tanques alemães ainda não faziam.

Auchinleck marcou o ataque para 4 de junho. Mas, como sempre, Rommel atacou primeiro. A 26 de maio, em meio a uma tempestade de areia, sapadores alemães abriram uma cabeça-de-ponte dentro das minas da linha *Gazala* e os tanques de Rommel surgiram, como por encanto, no meio da poeira, atrás dos ingleses.

Segundo historiadores militares, a travessia da linha *Gazala* marca o clima do seu brilhantismo como inovador e como líder à frente de combate, em contraste ao lento e pesado comando britânico.

Os ingleses reagiram, mas Rommel esmagou todos os contragolpes de *Auchinleck*, e foi destruindo uma a uma as guarnições de infantaria inglesas, incluindo uma da França livre, culminando com uma espetacular ba-

talha entre tanques. Nessa batalha, Rommel, mostrou ser imbatível no comando de divisões panzer e porque era a “Raposa do Deserto”. Com movimentos perfeitos dentro da tempestade de areia, destruiu 260 blindados, tomado a fortaleza de Tobruk, capturado 30 mil prisioneiros e expulso os ingleses da Líbia.

Os alemães chegavam à fronteira do Egito e, de acordo com os planos iniciais, era aí que deviam ficar, para que tropas vinda da Itália ocupassem Malta. Entretanto, envaidecido com as vitórias de Rommel no deserto, de Manstein na Criméia e de Paulus a caminho do Cáucaso, Hitler resolveu mudar tudo. Ordenou que Rommel invadisse o Egito e ocupasse Alexandria.

Rommel se desesperou e mostrou ao Marechal Kesselring que estava na Itália, que as tropas tinham chegado aos limites de suas forças. Mas de nada adiantou.

Com o exército exausto, desfalcado, com poucos suprimentos, Rommel foi obrigado a invadir o Egito e atacar Alexandria. Nos primeiros dias de julho, em El Alamein, o Afrika Korps foi detido por um poderoso fogo de artilharia dos ingleses. No dia 9 de julho, Auchinleck ordenou um devastador ataque da Nona Divisão australiana contra a Divisão Sabratha, italiana. Daí por diante, os ingleses lançaram repetidos contragolpes, concentrando-se nas unidades italianas. Com o inimigo muito mais bem armado, com o Afrika Korps sofrendo um número assustador de baixas, e com Hitler ordenando para que não recuasse, Rommel escreveu à esposa: “não sei o que fazer. Militarmente esse é o período mais difícil por que já passei”.

Em setembro de 1942, o novo comandante do Oitavo Exército inglês, o General

Sir Bernard Montgomery, inicia o ataque em El Alamein. Conhecendo as qualidades de Rommel no comando panzer, Montgomery, evitou envolver-se numa batalha de tanques. Por isso manteve suas tropas estáticas e executou um poderoso ataque aéreo. Com falta de combustível, munição e, até mesmo, de água e comida, Rommel foi obrigado a recuar, perdendo mais da metade do que, até a três meses atrás, era o espetacular Afrika Korps. “O maior problema”, escreveu mais tarde com grande frustração, “foi que a maior parte dos blindados teve que ser abandonada no deserto por falta de combustível”.

donada no deserto por falta de combustível”.

Sofrendo crises constantes de desmaios, provocadas por uma profunda anemia, com problemas circulatórios, es-

tomacais e intestinais, devido às péssimas qualidades da água que utilizavam, Rommel se afastou do comando. Foi internado num hospital em Roma, sendo a seguir levado para Viena para tratamento do fígado.

Hitler o deixou algum tempo sem função. Em novembro, Rommel, foi enviado para França, com a missão de organizar a defesa do canal da Mancha e do Atlântico Norte, contra uma possível invasão aliada. Foi na França que manteve contato com os conspiradores que planejavam o assassinato de Hitler.

Em julho de 1944, o Coronel, Conde Stawffenberg, colocou uma bomba no quartel-general de Hitler. O Führer escapou milagrosamente. Quando as prisões começaram, o nome de Rommel aparecia em vários documentos. Dias depois, dois generais o procuraram com a seguinte proposta: se cometesse suicídio, nada de mal aconteceria com sua mulher e seu filho. Em caso contrário, seria

“Rommel, mostrou ser imbatível no comando de divisões panzer e porque era a ‘Raposa do Deserto’.”

levado a julgamento público, por alta traição, e sua família seria levada para um campo de concentração. Rommel suicidou-se.

Na arte de guerrear, Rommel foi um gênio e um cavalheiro. Amado por seus soldados e respeitado pelos inimigos. A prova disso foi, quando visitando um campo de prisioneiros ingleses, perguntou se estavam sendo bem tratados e se precisavam de alguma coisa. Por mais incrível que possa parecer, foi aplaudido por 5 mil soldados britânicos.

Esse era Rommel, o guerreiro indomável, capaz de fazer qualquer coisa que o inimigo considerasse impossível, que não conhecia a palavra medo, mas que sempre terminava suas cartas à esposa com a frase: "eu amo você".

GEORGE PATTON

Na Primeira Guerra Mundial, o General Pershing, comandante americano, deu ao Capitão Patton, a missão de criar o Corpo de Tanques do Exército. Patton se apaixonou pela nova arma e criou sua própria doutrina de como os tanques deviam atuar numa batalha.

Quando teve de entrar em ação pela primeira vez, verificou que não havia meios de manter contato com todos os blindados. Praticou então a segunda loucura da sua vida. A primeira foi quando, na Academia Militar, para aprender conviver com o medo, correu por entre as balas num exercício de tiro real. Agora em 1917, ficou em pé sobre seu tanque e, mesmo servindo de alvo para as metralhadoras inimigas, ia gritando as ordens para seus oficiais. Por milagre saiu vivo da batalha. À tarde, quando os blindados pararam por falta de gasolina, tinha conseguido 25 mil prisioneiros. Foi condecorado, tornou-se herói, mas ganhou fama de louco.

O General Pershing, que era um grande admirador do jovem Patton, concordou com os franceses que os blindados só poderiam atuar em conjunto com a infantaria. Mesmo assim, Patton ficou entusiasmado com a nova arma. Depois da guerra, tentou criar uma brigada de tanques, por achar que os blindados seriam o futuro do exército moderno. Entretanto, o Congresso americano cortou drasticamente as verbas militares. Um exército de 2 milhões de homens, em 1918, foi reduzido, em 5 anos, para 127 mil. Não houve produção de tanques e todos os seus planos ficaram na gaveta.

Passou então a viver da fortuna herdada do pai e do sogro. Comprou um iate, um avião e todo o conforto que o dinheiro podia proporcionar.

O luxo em que vivia e os amigos importantes que tinha, causavam um terrível mal-estar nos seus colegas de farda. Seus superiores, que viviam de um mísero soldo, o detestavam, e quase todos se referiam a ele e a Beatrice, sua esposa, como: o barão e a baronesa.

A partir de 1938, sentiu que sua carreira militar estava encerrada. O Departamento de Defesa tinha começado a diminuir o nível étário dos generais. Com isso, um coronel estava chegando a general com 38 a 40 anos e assumindo as principais funções dentro do exército. Ele, com 55, não tinha mais futuro.

Mas, por um capricho do destino, em dezembro de 1941, os Estados Unidos entraram na guerra. Churchill e Roosevelt, reunidos em Washington, decidiram que os americanos ajudariam os ingleses com três forças tarefas: a primeira atacaria a Argélia, sob comando inglês; a segunda atacaria Oran, sob comando anglo-americano; e a terceira atacaria o Marrocos, sob comando totalmente americano.

Eisenhower, um general 5 anos mais moderno que Patton, que nunca comandara

nada maior que um batalhão, é nomeado comandante-em-chefe das tropas americanas na frente ocidental. Para surpresa de todo exército, ele sugere o nome do antipatizado, Patton, para comandar a invasão do Marrocos.

A reação foi a pior possível e todos os adjetivos foram usados contra a nomeação: sem espírito de equipe, vaidoso, etc. Mas, em matéria de combate, Patton e MacArthur eram os oficiais americanos mais experientes em atividade. Como o segundo estava cercado pelos japoneses nas Filipinas, só restava o primeiro. Com apoio do General Marshall, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Patton se torna o primeiro comandante de batalha na Frente Ocidental.

A situação em Marrocos era complicadíssima. A França, derrotada em 1940, tinha saído da guerra, mas mantinha, em Marrocos, 60 mil soldados bem treinados, fortificações em toda a costa, uma esquadra e uma Força Aérea. Quando a esquadra americana se aproximou, os navios franceses abriram fogo. Os americanos reagiram e a batalha foi intensa.

Patton ordenou então o desembarque. Os franceses atacaram. Depois de três dias de luta encarniçada, os americanos tiveram mil baixas. Furioso com a resistência francesa, Patton deu um ultimato: ou cessavam o fogo, ou mandaria a esquadra bombardear Casablanca. Os franceses resolveram negociar e a guerra França *versus* Estados Unidos terminou.

Mas na Tunísia os americanos sofreram uma derrota fragorosa frente aos alemães. O Marechal inglês Harold Alexander estava extremamente preocupado. Outra derrota e a opinião pública obrigaria Roosevelt a abandonar a Frente Ocidental e se dedicar somente ao Japão. Alexander começou então a fazer pressão sobre Eisenhower, para que enviasse Patton a Tunísia. Seu pedido foi aceito.

Sabendo que o moral dos americanos na Tunísia não era dos melhores, Patton organizou uma entrada triunfal. Na frente de uma coluna de tanques, ele desfilou diante de todos, em pé sobre um jipe, armado até aos dentes, envolvido pelo barulho ensurdecedor das sirenes e cercado por cinegrafistas. Depois de um discurso “hollywoodiano”, que mais parecia cena de um filme de John Ford, iniciou um treinamento pesado, como era seu estilo.

Quando a ordem de ataque chegou, Patton partiu à frente de seus blindados e em Mareth encontrou o exército alemão pela primeira vez. Numa luta de tanques contra tanques, o *Velho Cowboy* mostrou que também era imbatível no comando de blindados. Em dois dias de luta incessante, destruiu 80 blindados inimigos.

Os alemães, derrotados e desmoralizados, foram perseguidos por Montgomery, que cercou o que sobrou do Afrika Korps, ficando com todas as glórias da vitória em Mareth. Patton nunca perdoou os ingleses por isso.

Veio, logo a seguir, a invasão da Sicília. O comando era do Marechal inglês Alexander e, na linha de frente, estavam o oitavo exército inglês, sob comando de Montgomery, e sétimo americano, sob comando de George Patton, já considerado o maior general americano.

Pelo plano de ataque, cabia a Montgomery a glória de conquistar Messina, a capital, e a Patton, a honra de defender seu flanco. Entretanto, depois de 4 dias de luta feroz, Patton tomou a cidade de Palermo com um movimento de blindados que impressionou a todos e levou ao desespero o alto comando alemão.

Montgomery, retido pelos alemães, percebeu que Patton, contrariando ordens superiores, avançava para Messina. Furioso, iniciou uma grande ofensiva, utilizando todas as forças de que dispunha, começando uma

corrida com Patton, para ver quem chegava primeiro à capital siciliana.

O general americano, numa operação perfeita, lança-se para o leste. Lutando em terreno motanhoso e difícil, inicia sua arrancada final e vai assombrando o mundo conquistando Biazza Ridge, San Fratello, Troina, Randazzo. No dia 17 de julho, na frente de sua tropa, com pose de “mocinho de cinema”, ele entrava em Messina cercado pela imprensa americana.

Mas seu reinado durou pouco. Ao visitar um hospital, depois de ver um grande número de feridos esperando vaga do lado de fora, encontrou um soldado sem ferimento algum ocupando o leito. Ao saber que se tratava de fadiga de batalha, berrou: “tirem esse F.D.P. daqui”. Segurou o soldado pelo colarinho, sacudiu-o e aos berros disse: “covardes como você deveriam ser fuzilados, está me ouvindo seu F.D.P. Você vai voltar para o *front*”. Dizendo isso bateu com as luvas no rosto do soldado, tirou-o da cama e deu-lhe um chute na “bunda”.

Eisenhower e Marshall, apesar de serem grandes admiradores de seu talento, chegaram à conclusão de que ele era um desequilibrado. Patton deixou o comando de seu exército e ainda levou uma “carona” do General Bradley na promoção para general quatro estrelas.

Mas a história lhe guardava uma grande surpresa. Alguns dias depois do dia “D”, os alemães contra-atacaram e mostraram que seus tanques: o *Tigre* e o *Pantera*, tornar-se-iam o terror dos tanques aliados.

A situação se agravou quando os americanos foram derrotados em Cherburgo, os ingleses em Caen e as bombas voadoras começaram a infernizar a vida em Londres.

Mas o pior ainda estava por vir. Depois de derrotas sucessivas, os aviões aliados, por

engano, bombardearam os americanos. Quinhentos feridos, 111 mortos. Por pouco o General Bradley, não morreu também. Pode ter sido coincidência, mas nessa mesma semana, Marshall veio a Londres e, juntamente com Eisenhower, deram o comando do Terceiro Exército ao General George Patton Jr, uma vez que, o General McNair, seu comandante, fora morto pelo “fogo amigo”.

Eisenhower e Marshall resolveram por bem nada revelar sobre a presença de Patton na frente de batalha. Primeiro porque não sabiam como reagiria a opinião pública; segundo para não dar aos alemães essa informação.

Montgomery, Comandante Supremo das Forças Terrestres, autor da estratégia de toda operação e que não escondia sua antipatia por Patton, deu-lhe uma pequena missão: deslocar-se pela Bretanha, protegendo o flanco direito dos ingleses.

Mas Patton não deixara de ser o que sempre foi: um indomável. Utilizando sua velha técnica de não dar sossego ao inimigo, dois dias depois já estava a mais de 20 km à frente de Montgomery.

Interpretando à sua maneira as ordens que recebia do General Bradley, comandante do grupo de exércitos americanos, ocupou Rennes 12 horas antes do tempo em que deveria se aproximar da cidade. Em Berlim, todos se perguntavam: “quem está comandando o Terceiro Exército americano”?

No dia 8 de agosto, para alegria dos aliados, o Terceiro Exército ocupava Le Mans. A partir daí, Patton inicia uma arrancada que, segundo ele próprio, foi um recorde mundial. Num curto intervalo de tempo ele conquistou: Vitry, Avranches, Chateaubriand, Redon, Orleans e se aproximou de Paris.

Foi um feito memorável. Se não tivesse sido proibido de penetrar na área de atuação

dos ingleses, teria cercado todo exército alemão e, segundo especialistas, a guerra teria terminado.

Eisenhower cumpria, então, um dever que, para ele, era de muito prazer. Numa reunião com dezenas de jornalistas, anunciou ao mundo que o autor daquela arrancada espetacular através da França, que dera origem à fuga alemã para Bélgica, fora o General George Patton.

Para Patton, mais importante do que ter recebido uma condecoração e sua quarta estrela de general, foi poder esquecer todos os meses de humilhação desde a Sicília.

Mas as vitórias de Patton começaram a incomodar. A maioria dos generais e, principalmente, os políticos ingleses, achavam que todas as glórias estavam indo somente para o *Velho Cowboy*, e que isso era injusto.

Durante um jogo de golfe, Bradley, informalmente, levantou o problema de Paris. Eisenhower, pressionado pelo Alto Comando, foi categórico: a Divisão Blindada francesa, do General Leclerc, seria a primeira a entrar em Paris. Até aí nada demais. Entretanto, dias antes do avanço, a divisão de Leclerc era transferida do Terceiro para o Primeiro Exército. Com isso todos os louros da libertação da cidade iriam para Hodges e o Primeiro Exército.

Mas o General Leclerc era um homem pouco afeito a vaidades. Irritado, por estar servindo de objeto no jogo político dos generais, na sua primeira declaração à imprensa informou que o tempo todo seu grupamento pertencera ao Terceiro Exército americano, que seu comandante fora sempre o General George Patton e que, naquele momento, por

razões desconhecidas, fora transferido para o Primeiro Exército. Assim sendo, numa forma de justiça poética, a tomada de Paris acabou sendo, pelo menos pela imprensa, creditada a Patton. Dias depois, George Smith Patton Jr desfilava em carro aberto na cidade que tanto amava e era saudado por milhares de pessoas.

Depois de queda de Paris, Eisenhower tomou uma decisão drástica: a partir daquela data o Terceiro Exército receberia muito pouca gasolina. Para aumentar ainda mais a ira de Patton, Ike autorizou Montgomery a iniciar uma ofensiva direção à Bélgica. No meio de um sem número de palavrões que gritou, Patton desabafou: “Por que ele ? Monty só venceu uma batalha; a de El Alameim. A de Mareth eu venci para ele.”

Essa decisão tinha duas razões. A primeira

eram as bombas voadoras V2 lançadas pelos alemães. Londres vivia um inferno. Eisenhower precisava, de qualquer maneira, alcançar as rampas de lançamentos, e o serviço secreto afirmava que essas bases estavam na Bélgica, que estava no setor de Montgomery. A segunda era que os soviéticos exigiam o direito de entrar em Berlim, e Patton, com gasolina, chegaria até lá primeiro.

Sem que Patton soubesse, a situação estava muito pior do que podia imaginar. Em consequência de seus desenvolvimentos no campo-de-batalha, Hitler o considerava a maior ameaça à Alemanha, por isso ordenara que o avanço do Terceiro Exército fosse contido a qualquer custo. A situação tornou-se, então, paradoxalmente incrível: tanto Hitler, como Eisenhower, deram a seus co-

“Mas Patton não deixara de ser o que sempre foi: um indomável.”

mandos, praticamente no mesmo tempo, a mesma ordem: “detenham Patton”.

Patton sem mobilidade ao se aproximar da cidade de Metz, teve uma surpresa extremamente desagradável: Hitler tinha colocado um poderoso exército à sua espera. Pela primeira vez, teve de ficar na defensiva.

Os generais americanos, então, começaram a pressionar Eisenhower, alegando que ele estava condenando à morte os soldados do Terceiro Exército. Mas os ingleses exigiam toda gasolina possível, uma vez que as bombas V2 estavam arrasando com a Inglaterra.

Antevendo uma grande vitória na Frente Ocidental, Hitler ordenou sua derradeira ofensiva.

Nem Eisenhower, nem Montgomery, esperavam o ataque; para ambos, a Alemanha estava derrotada. Mas se enganaram. O Marechal Model, realizando um esforço sobre-humano, utilizando o que restava em equipamentos, iniciou uma grande ofensiva e dizimou várias divisões inglesas e americanas. O alto comando aliado entrou em pânico.

Ao mesmo tempo, um poderoso exército atacou Patton tentando destruí-lo também. Em comunicados sucessivos, o *cowboy* clamava por gasolina. Mas a resposta era sempre a mesma: “permanecer na defensiva”. Na Bélgica, Model ia destruindo tudo à sua frente. O medo de uma nova Dunquerque desesperava o comando aliado. O General Hodges, comandante do Primeiro Exército americano, entrou em depressão. Patton, com seus tanques parados, se defendendo com dificuldade, declarou a um jornal inglês: “Montgomery é um incompetente. Com ele essa guerra, que já podia ter acabado, vai durar até 1946.”

Desesperado, Eisenhower trancou-se por meia hora em seu *trailer* e tomou a decisão

que os americanos queriam. Mudando todo os seus planos, forneceu a Patton a gasolina que precisava e ordenou que viesse em socorro dos ingleses e do Primeiro Exército.

Com uma arrancada espetacular, considerada por Bradley como a mais brilhante de toda a campanha, o “velho cowboy”, tomou a cidade de Metz, avançou para o norte e interceptou o exército de Model nas Ardennes, acabando com o último sonho de Hitler de ganhar a guerra. A pronta resposta de Patton salvou os exércitos aliados.

O General Patton, impedido de avançar até Berlim, ocupou o sul da Alemanha, invadiu a Áustria e depois a Tcheco-Eslováquia, libertando Pelsen, a 7 de maio. Seus limites tinham chegado onde chegara o Império Romano, de quem acreditava ter sido um legionário, em outras vidas.

Quando, depois da guerra, resolveu assistir a um filme em Londres, o cinema em que estava foi invadido por jornalistas. Ao ser informado, retrucou brincando: “eles devem estar pensando que sou Montgomery”. De repente a luz acendeu e alguém anunciou sua presença. Foi aplaudido de pé. Ao sair verificou que o trânsito tinha parado. Uma multidão o saudava gritando seu nome. Apesar de ser um excêntrico, mal-educado e ter dito coisas horríveis sobre a Inglaterra e seus dirigentes, o povo inglês o perdoou e o reconheceu como um grande guerreiro, um herói que não podia ser esquecido.

A 9 de dezembro de 1945, num passeio em Frankfurt, o carro em que viajava capotou. Ele quebrou a espinha dorsal, morrendo 12 dias depois. Duas coisas, porém, podemos afirmar de George Smith Patton Jr. pode ter sido o mais controvertido general da Segunda Guerra Mundial; mas foi, sem dúvida alguma, um dos maiores gênios militares da História. □